



EMPREENDEDORISMO

Parceria nas aulas de negócios

FGV e Poli-USP oferecem disciplina conjunta na graduação para futuros engenheiros e administradores

A constatação de que muitos alunos de graduação querem abrir seu próprio negócio levou a Fundação Getúlio Vargas (FGV) e a Escola Politécnica (Poli) da Universidade de São Paulo à criação de uma disciplina voltada para o empreendedorismo. Após um semestre experimental, um convênio entre as duas instituições oficializou a disciplina optativa “Criação de negócios tecnológicos”, oferecida durante um semestre conjuntamente nas duas faculdades. Professores e alunos das duas instituições participam das aulas, ministradas tanto na FGV quanto na Poli. “No curso experimental foram 20 alunos de engenharia e 20 de administração, proporção que deve continuar. O objetivo em uma disciplina única é passar uma visão abrangente sobre criação de tecnologia e modelo de negócio”, diz Eduardo Zancul,

do Departamento de Engenharia de Produção da Poli, que junto com André Leme Fleury, também da Poli, Tales Andreassi, vice-diretor da Escola de Administração de Empresas (Eaesp) da FGV e Adriana Ventura, também da FGV-Eaesp, elaboraram o projeto e ministram as aulas. O programa trata de estratégias, *marketing*, prototipagem e uma ferramenta de gestão chamada método Canvas – usado na validação da ideia de negócio –, que serve para pensar *startups*, verificar clientes potenciais, fornecedores, estabelecer fluxos de receita e despesa.

“Dou aulas desde 1990 e naquela época a ambição dos alunos era ingressar em uma grande organização e aos poucos ir subindo na empresa”, lembra Andreassi. De acordo com ele, a postura mudou e cada vez mais alunos pensam duas vezes em

aceitar fazer carreira em uma grande empresa. “Eles procuram traçar uma trajetória que os satisfaça e, agora, tentam outras opções em *startups*, em empreendimentos sustentáveis ou no Terceiro Setor.” Nesses novos tempos, nada mais natural que as faculdades criem disciplinas voltadas para o empreendedorismo.

“Nas aulas, os alunos desenvolvem um produto físico, como, por exemplo, um sistema de irrigação inovador e estruturam o modelo de negócio, na forma de uma *startup*”, diz Zancul. Trabalhando em conjunto, os alunos de engenharia podem pensar o produto como negócio e os de administração têm a possibilidade de analisar um banco de patentes, por exemplo, e transformar determinada tecnologia em produto comercial. “Essa experiência é fundamental para o empreendedorismo, além de permitir que os alunos convivam com culturas diferentes antes de saírem da faculdade”, diz Andreassi. Na Poli, os alunos têm à disposição o InovaLab@Poli, um laboratório que serve de infraestrutura para a disciplina com oficinas mecânica e eletrônica, além de salas de projetos, com recursos para reuniões e impressoras 3D.

Na FGV, os alunos de administração têm também a opção de fazer um curso semelhante com colegas de engenharia do Instituto Tecnológico de Aeronáutica (ITA). “São cursos de uma semana, de forma intensiva, em que os alunos de administração ficam hospedados no ITA, em São José dos Campos, e têm aulas conjuntas. Fizemos um em 2014 e o próximo será em julho deste ano. Da próxima vez vamos tentar trazer os alunos do ITA para a FGV”, diz Tales. Tanto a disciplina GV-Poli (semestral) quanto a GV-ITA (semanal) são oferecidas uma vez ao ano. ■ Marcos de Oliveira

Barreiras transpostas

Ana Amália Barbosa, mesmo sem andar e falar, cursou o doutorado, lançou livro sobre a sua experiência com crianças portadoras de paralisia cerebral e faz pós-doutorado

O olhar, um leve movimento de queixo e um programa de computador são os meios utilizados por Ana Amália Tavares Bastos Barbosa, de 49 anos, artista plástica e educadora de arte, para se comunicar. Desde que sofreu um acidente vascular cerebral (AVC) de tronco em 2002, ela ficou praticamente sem movimento no corpo e sem fala. Sua memória e cognição, no entanto, continuam preservadas. Assim como a necessidade de dar vazão aos seus sentimentos e pensamentos, como mostram as notícias postadas em seu *blog* atualizado semanalmente, as pinturas feitas em papel e tinta com o auxílio de um suporte plástico e as aulas que dá a crianças com paralisia cerebral da Associação Nosso Sonho, no bairro de Perdizes, em São Paulo. É o mesmo bairro onde mora com a mãe, Ana Mae Barbosa, professora aposentada da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA-USP), e a filha Ana Lia, de 15 anos, em um apartamento repleto de livros e pinturas feitas antes e depois do AVC.

Ana Amália formou-se em artes plásticas pela Fundação Armando Álvares Penteado (Faap) em 1991 e fez cursos no exterior, como gravura e *design* na Universidade Columbia, em Nova York, e arte japonesa na Universidade do Texas. Deu aulas de artes visuais na Universidade São Judas Tadeu e inglês no Centro Britânico, escola de idiomas. A junção desses dois temas, o ensino da arte e do inglês, foi o tema da



Ana Amália: comunicação via software especial e por meio de um cartão com letras e números

sua dissertação de mestrado, defendida na ECA. No dia em que iria apresentar o estudo sofreu o AVC, que a deixou hospitalizada durante quatro meses.

Para retomar a carreira como artista plástica e educadora ela teve que reaprender a se comunicar. O primeiro instrumento a ser utilizado, depois de adaptações, foi um cartão com linhas, letras e números, que um acompanhante lê em voz alta para que ela possa manifestar seus desejos e dar sequência a conversas por meio de piscadas de olho. Depois veio um programa de computador desenvolvido pelo Hospital Sarah Kubitschek, em Brasília, especialmente para ela. O programa tem um teclado virtual com varredura, movido por um sensor que fica logo abaixo do queixo. Foi com esse instrumento que ela respondeu aos

questionamentos da banca que avaliou a sua tese de doutorado no Museu de Arte Contemporânea (MAC) da USP, em maio de 2012.

Apesar de todas as dificuldades enfrentadas, Ana Amália diz que nunca desistiu dos seus projetos por ter feito uma promessa ao pai, João Alexandre Costa Barbosa, escritor e professor de literatura da USP, antes de ele morrer, em 2006. “Prometi ao meu pai que nunca iria parar de estudar”, diz com piscadas rápidas. Na pesquisa de doutorado, feito na ECA, ela analisa o trabalho de artes visuais desenvolvido entre 2008 e 2010 com crianças portadoras de paralisia cerebral da Associação Nosso Sonho. Durante o seu estudo ela trabalhou a relação do corpo no espaço e no desenvolvimento da percepção de sentidos, como visão, audição, sensibilidade da pele, cheiro e sabor. “Antes, as crianças não se deixavam tocar, agora dominam os seus corpos”, escreve Ana Amália com o queixo no sensor. A visita a espaços culturais, como o Instituto Tomie Ohtake, e a exposições fez parte do seu projeto de inclusão cultural dessas crianças.

A pesquisa feita para a sua tese de doutorado está contada no livro *Além do corpo, uma experiência em Arte/Educação* (Cortez Editora), lançado em 9 de junho. Atualmente ela estuda a criação de uma interface para tetraplégicos esculpirem usando computador e impressora 3D no seu pós-doutorado na Universidade Estadual Paulista (Unesp). ■ Dinorah Ereno